



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FRANCISCO DOMINGOS KIOSA

NEOCOLONIALISMO NA POLÍTICA ANGOLANA PÓS-INDEPENDÊNCIA

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

FRANCISCO DOMINGOS KIOSA

NEOCOLONIALISMO NA POLÍTICA ANGOLANA PÓS-INDEPENDÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentando ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joyce Amâncio de Aquino Alves.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

FRANCISCO DOMINGOS KIOSA

NEOCOLONIALISMO NA POLÍTICA ANGOLANA PÓS-INDEPENDÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentando ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em: 17/03/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Joyce Amâncio de Aquino Alves (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Deolindo Nunes de Barros

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETO E PROBLEMA DA PESQUISA	7
3	JUSTIFICATIVA	8
4	HIPÓTESE	8
5	OBJETIVOS	9
5.1	OBJETIVO GERAL	9
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
6	REFERENCIAL TEÓRICO	9
6.1	A COLONIZAÇÃO EM ANGOLA	12
6.2	A CHEGADA DA SUPOSTA INDEPENDÊNCIA	14
6.3	PERÍODO GOVERNAMENTAL DE AGOSTINHO NETO (1975-1979)	15
7	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
8	CRONOGRAMA	18
	REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem como questão nos mostrar ou nos direcionar sobre a temática do neocolonialismo voltada mais na conjuntura da política angolana após a sua independência, objetivando analisar os impactos do neocolonialismo na política angolana no contexto de pós-independência. Antes, porém entender como se deu o processo de colonização em Angola.

Angola é um país africano situado ao sul do continente africano na sua costa ocidental, o seu território principal tem uma limitação pelos pontos cardeais norte pela República Democrática do Congo, ao leste pela Zâmbia, a oeste pelo oceano atlântico e ao sul pela Namíbia e ainda mais ao norte por causa de Cabinda o enclave fazendo uma fronteira com a República do Congo. O Estado Angolano é composto por dezoito (18) províncias, é um país multilinguístico no que tange a sua diversidade de línguas locais ou nacionais falada em diversos lugares do país. A diversidade linguística é muito rica falada por esses povos: Cunene: Povos Kwanhama; Bié, Cuanza-Sul, Benguela, Huíla, Huambo e Namibe-Povos Umbundu; Malanje, Cuanza Norte, Bengo e Luanda-Povos Kimbundu; Cuando Cubango-povos Nganguela; Zaire e Uíge-Povos Kicongo. Na conjuntura desses todos povos e as suas respectivas línguas, também existem subgrupos étnico-linguísticos em que na qual são delimitadas as suas fronteiras com países vizinhos fazendo assim a etnicidade. Angola possui uma extensão territorial de 1.246.700 Km². O mesmo território anteriormente, outrora fazia parte do Reino do Congo carregando consigo uma divisão de reinos como: Chiyaka; Kassanje; N'dongo; N'dulu; Chingolo e Matamba (NETO, 2005). Segundo os dados fornecido pelo site INE¹, a sua estatística diz que Angola no corrente ano 2021 conta com uma população de 32 milhões 097 mil e 671 de habitantes em que maioritariamente são mulheres com um número de 16 milhões 444 mil e 380, já os homens estão com um número voltado na ronda de 15 milhões 653 mil e 291.

De acordo com o Silva (2018, p. 3) "Em 1482, os primeiros lusitanos sob o comando de Diego Cão, no reinado de D. João II, ancoraram na Foz do Rio Zaire em 1482; a partir daí, teve início a conquista da região, abrangendo a área que hoje se chama Angola". Os portugueses chegaram em Angola no ano de 1482 correspondendo como último quarto do século XV, nesse período surgiu uma grande mudança na sua tabela política, econômico e

¹ Instituto Nacional de Estatística de Angola (INE) está, definitivamente, a avançar para o alcance definitivo de seus objetivos que incluem a dinamização, coordenação, recolha, tratamento e difusão da informação estatística oficial do país. O reforço da democracia e do direito de cidadania, assim como dos níveis de desenvolvimento sustentáveis baseados nos pilares sociais, económicos, ambientais e culturais, deve ser sustentado com informação estatística.

cultural, essa expedição organizada, foi comandada e chefiada por Diogo Cão passando pela foz do rio Zaire e assim chega pela sua vez no território em questão, que nesse caso se chama Angola (CAREGNATO, 2010). Daí onde se criou a chamada suposta recém descoberta sobre o território angolano, que assim era chamada por Portugal durante muitos anos. Após a independência, em nossos currículos escolares, no ensino de base fomos ensinados e obrigados a responder desta forma quando nos perguntavam “quem descobriu Angola”, caso ao contrário a resposta estaria errada e até mesmo dava reprovação automática.

O território angolano já era habitados por outros povos antes da chegada dos portugueses, e o povo bantus foi um dos primeiros povos habitar nesse espaço e assim tendo os seus hábitos, costumes e a sua forma de organização em sociedade, o seu sistema familiar configurado em matrilinearidade ou patrilinearidade. No matrilinear, está mais ligada com a família da mulher onde os tios têm mais poder pelos sobrinhos com relação ao pai, já no patrilinear o contrário, a família do pai detem o poderes sobre os filhos (CAREGNATO, 2010). Segundo Cheik Antiop (2014) acaba frisando que as sociedades africanas são construídas pelo matriarcado ou seja que a base da sua construção consta no matriarcado no qual a principal atividade desenvolvida pelas sociedades africanas é tudo por intermédio da agricultura e que a mulher era o centro de tudo e que o homem era um elemento secundário apenas.

O mercantilismo foi um mecanismo pelo qual os europeus se utilizaram para poder atingir outros territórios e expandir os seus poderes comerciais económicos e culturais. No entanto, por intermédio deste, o ocidente conseguiu chegar até a África. Foi encontrado neste lugar uma forma diferente de organização social com vários reinos divididos entre si. Neste sentido, os europeus, por intermédio de sua visão de mundo, ganância e interesse de enriquecer os seus Estados através das riquezas que lá encontraram, entenderam ser esta nova visão de mundo, vista como atrasada e que estes novos povos deveriam passar por um processo de civilização. A partir do momento que os portugueses se instalaram em Angola começou-se um novo processo de colonização e extração de riquezas que durou por muitos anos de uma equivalência de V séculos, “As justificativas europeias da corrida para a África foram levar a civilização, a religião cristã, a liberdade de comércio, por termo à escravidão e permitir a pacificação no continente” (LAMY, 2014, p. 7).

Apesar de ter se processado a independência, Portugal permaneceu ainda no território, demonstrando interesse em prorrogar sua permanência principalmente na área do petróleo, independentemente do regime que fosse adotado pelo novo Estado. A metrópole agia em Angola, como mostra Cacuto (2001) e, portanto, como ocorre em países periféricos, “no

interesse de sua rentabilidade e dos investimentos já realizados e que não podiam ser desmobilizados de imediato, pairando a ameaça e o risco de perda total, caso optassem pelo abandono” (CACUTO, 2001, p. 24).

Assim, as influências de Portugal e outros Estados europeus em Angola, em termos políticos, estão recalçados no seio angolano, principalmente na política econômica, baseado numa troca de mão dupla, em que os bens econômicos são extraídos do território, levado para fora, “A maioria das indústrias instaladas no território, todavia, eram dependentes, em boa medida, de parcela de insumos importados dos países centrais. Muitos dos quais ainda passando por Portugal como forma de elevar as receitas tributárias da metrópole” (CACUTO, 2001, p. 33). Não há uma distribuição equitativa para a população de volta para o país. Essa influência traduz uma nova forma de colonização, a neocolonização, em que não existe o contato direto com o colonizador, mas os efeitos continuam sendo análogos ao período da colonização, assimilação, sofrimento, exploração, desigualdade e má distribuição de renda. Neste sentido, este projeto é motivado pela seguinte questão: Quais são os principais impactos do Neocolonialismo no contexto angolano, sobretudo na sua política?

2 OBJETO E PROBLEMA DA PESQUISA

O objeto dessa pesquisa é investigar como o neocolonialismo está enraizado no contexto angolano, como ainda se perpetua nos nossos dias de hoje que nos põe a remeter que a independência não foi conquistada mas sim negociada.

Ainda assim após a independência, continuamos a sentir a via exploratória do colono, os impactos que vem afligindo a nossa soberania, causando mais desigualdades sociais no que toca o racismo, preconceito, discriminação racial, e o efeito da mão dupla que vem condicionando a má distribuição de renda da população angolana nas camadas mais baixas.

Angola é um país com mais de 40 anos de independência com um sistema de justiça especie de copy past² a metropole partindo de projetos de códigos penais e não só, como podemos saber são o Código Civil é de 1966, o Código do Processo Civil, de 1939, o Código Comercial, de 1880, o Código do Processo Penal, de 1929. Esses tais códigos mencionados acima são todos portugueses, alguns códigos com exceção como o código civil e o código comercial, todos esses não se encontram mais em vigor em Portugal (MATONDO, 2018).

² O termo cypast é de origem anglofona (às vezes aportuguesado como copicola), ou seja copiar e colar, em outros pontos quer dizer imitar até chega o ponto de se tornar igualzinho.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha da temática é por ela ser complexa, por ser pouco falada no campo teórico, de querer desmistificá-la. Angola passou por uma colonização e sua pós-independência, quanto a posição do seu colono sobre a sua política implementada e administrada por dirigentes formado nessa mesma metrópole (Portugal) que noutra eram dados como assimilados pelo fato de reproduzir a cultura do colonizador.

Após a minha inserção na UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AFRO-BRASILEIRA) pude constatar uma linha curricular muito diferente das outras universidades, com um viés mais afrocentrado, preocupado com uma construção científica voltado para o eixo sul-sul. Nesta perspectiva, sendo angolano e preocupado com essa questão, destacando também a desconstrução no que toca aos saberes científicos ocidentais, propus-me a pesquisar sobre um trabalho desafiador e de importância para os grandes debates contemporâneos. O tema em questão possui relevância muito abrangente, tanto no meio social e acadêmico. Desta forma, este projeto pode proporcionar uma mudança de paradigma social e político em qualquer contexto, principalmente no contexto social angolano. Além disso, no meio acadêmico os resultados deste projeto poderão trazer ideias inovadoras para o meio acadêmico interdisciplinar e inspirar ou servir de caminho para próximas pesquisas relacionadas com o fenômeno do neocolonialismo.

Debater o neocolonialismo em Angola, acarreta uma grande importância científica. porque as nossas academias têm um viés muito ocidental ou mesmo eurocêntrico, acabando assim de desconhecer outras formas de saberes que também podemos considerar ciência pelo fato de achar que os nossos saberes não fazem parte da ciência. Por isso, essa pesquisa sobre o neocolonialismo vem despertar ou destampar algumas cubas que estavam tapadas a nos remeter, a nos desconstruir, nos dispir de certa imposição científica sobre as nossas produção científica dentro das nossas academias e de nos tornamos autônomo com um viés diferenciado, que identifica a sociedade civil e não só de maneira chegarmos a proporcionar uma solidez científica neste âmbito.

4 HIPÓTESE

O neocolonialismo vem asfixiando a política angolana desde o momento que o país tomou a sua independência.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar os impactos do neocolonialismo na política angolana no contexto de pós-independência;

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as bases e premissas do Neocolonialismo como conceito;
- Analisar a relação do neocolonialismo com as questões de autonomia política e decisória de Angola;
- Discutir quais problemas sociais são frutos da má distribuição de renda e dinâmica do neocolonialismo.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

Devido o processo de dominação dos territórios africanos e asiáticos pelas potências capitalistas, e não só como as ex-colônias ocidentais por intermédio da política e economia partindo do século XIX à XX deu-se o nome ou melhor configurou-se como o Neocolonialismo. “O novo colonialismo precisa organizar a sociedade das vítimas, para ter a mesma ou quase a mesma cultura do explorador, pois só assim a vítima deixará de ser um explorado passivo e irá se transformar em um explorado ativo” (BARBOSA, 2011, p. 8).

O Neocolonialismo pode se entender como uma nova via dotada de novos modelos deixado pelo colono nas suas antigas administrações, para que quando o colonizado se tornasse independente, fizesse uso das mesmas tecnologias para se erguer com potencial comparado ao período colonial e até chegando a pensar em superar a administração colonial quanto a sua posição a nível internacional no que tange a sua economia e a sua política. De acordo com o Krumah (1965, p. 281) “o neocolonialismo sob qualquer disfarce que este possa usar. Pois os métodos dos neocolonialistas são sutis e variados. Operam não apenas no campo econômico, mas também nas esferas política, religiosa, ideológica e cultural”.

O Neocolonialismo é uma nova estratégia utilizada pela metropole e pelas novas potências mundias, inserindo os seus sistemas políticos exógenos para dentro desses países periféricos e assim são chamados países do terceiro mundo, pelo olhar de subjugação do ocidente por eles não atigirem uma figura semelhante á eles (Colono), tal como ocorrido no periodo imperialista sobre o continente africano. Segundo Henriques (2014, p. 54) “neocolonialismo é uma versão corrigida e adaptada à nova ordem económica e política internacional, que, sob a bandeira da ajuda e do desenvolvimento, pretende manter novas formas de hegemonia nas relações com os antigos colonizados”. Num contexto particular como o de Angola, o neocolonialismo vem manuseando e sufocando cada vez mais a política angolana.

Para LOPES (2011), o conceito “neocolonialismo” ainda é muito atual, que a reprodução de certas práticas coloniais estão muito presente no mundo todo de forma ocultas, onde encontra-se a camuflagem do neocolonialismo. É muito importante debatermos essa temática em Angola particularmente, um país que passou pelo processo de colonização era preciso que no seu percurso pós-independência fossem rompidas certas práticas coloniais, mas tais práticas permaneceram. Por isso, é necessário destacarmos como o neocolonialismo está operacionalizado para que a gente compreenda e investigue a reprodução destas praticas coloniais e os seus efeitos.

O intelectual Ganês Kwan N’Krumah com sua obra intitulada Neocolonialismo-O Último Estágio do Capitalismo (1965), reflete o sobre o conceito do “Neocolonialismo”, sobre sua necessidade para os capitalistas, e as suas barreiras quanto da autonomia das suas antigas colônias africanas. O autor aponta que muitos poderes decisórios das antigas colônias ainda estão sendo influenciadas pelas suas antigas metrópoles e tais questões são o foco do meu trabalho, dialogando sobre os efeitos do neocolonialismo e o “poder decisório das antigas colonias”.

Conforme N’krumah (1965) o país que está sujeito ao neocolonialismo é literalmente e teoricamente dependente, há um todo disfarce do exterior da soberania internacional. Isso nos remete a dizer que os sistemas tanto como económico e políticos são guiados pelo exterior. Como anteriormente entre os anos 1875-1914 o termo “neo” se remetia aos interesses do capital imperialista, quanto as primeiras fontes achadas denotam sobre o termo, ganhando uma nova direção com significado da palavra “Novo”, como repetindo a colonização, como colonialismo revigorado, ou seja, como renovado (SILVA, 2014).

Quando observamos os sistemas de cooperação internacional percebemos que sempre esbarram no repasse de tecnologia e conhecimento. Seja por políticas de Estado de quem detém ou demanda, seja pela impossibilidade de operacionalização

em realidades disparees ou pela temporalidade necessária a apropriação de novas práticas, verifica-se uma assimetria na produção, repasse ou aplicação de novas tecnologias. O resultado prático é a ausência de uma produtividade que favoreça a balança comercial dos países africanos que se mantêm como exportadores de matéria-prima e dependentes da importação de tecnologias e produtos industrializados` (LOPES,2011, p. 8).

Segundo Lopes (2011, p. 13) ``o neocolonialismo passa a ser identificado com os processos decorrentes das atividades econômicas internacionais e dos acordos bilaterais que interferem na autonomia dos recém Estados independentes da África``. Como um exemplo, podemos ter o caso de Angola com uma crise financeira que o país vem passando com o inicio do periodo de 2014, provocada pela queda do petróleo a sua maior fonte de sustentabilidade econômica. Este fenômeno vem afetando a politica que de certa forma, obriga ao favorecimento em aberturas, dando acesso a empresas estrangeiras à politica capitalista como privatizações de grandes empresas estatais de Angola.

Sobre a política mal traçada pelo governo angolano, muitas questões têm sido levantadas envolta da manutenção do Estado. De acordo com Lopes (2011) há Estado que traça as suas políticas para favorecer o capital internacional, e quando assim aconteça esse mesmo Estado demonstra a sua posição de neocolonizado bem juntos a neometropole. Temos como exemplo o ``Luanda Leaks³``, o ex-antigo vice-presidente de Angola Sr. Manuel Domingos Vicente no mandato de José Eduardo dos Santos como presidente de Angola no periodo de 2012-2017, movido sobre escandalo de corrupção em Portugal. Como consequência muitos dos seus bens foram apreendidos porque o mesmo também não conseguia justificar a origem da sua fortuna. Segundo Rafael Marques (2016), grande parte do saque em Angola é investido em Portugal, e isso é muito positivo para o país na qual está sendo investido.

Os livros de histórias nos demostram determinadas narrativas sobre processo de colonização de como ela ocorreu em várias partes do mundo, vemos que houve relações interpessoais e deste periodo podemos afirmar que ambos (colonizador e colonizado) se conhecem apesar das suas vivências não serem das melhores na relação humano. Para FANON (1968, p. 26). ``O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, de fato, o colono tem razão quando diz que "os" conhece. É colono que fez e a o colonizado. O colono tira a sua verdade, continua fazer isto é, os seus bens, do sistema colonial``.

Frantz Fanon é um grande teórico sobre essa temática e sua obra Os Condenados da Terra (1968) contribui de uma forma significativa, pois apresenta uma visão muito ampliada do

³ Luanda Leaks foi uma reportagem exibida por uma emissora de TV português de nome SIC, onde na qual começou reporta de certas figuras politicas angolanas muito centrais, entre elas estva o ex vice-presidente de Angola. <https://www.youtube.com/watch?v=rLhCpXsZBMA>.

comportamento do colonizador quanto ao colonizado. O autor nos mostra como colonizador desumaniza o seu colonizador pelos trabalhos forçados na sua própria terra. Conta-nos também sobre uma culpa que é vista pelo colonizado a questão de se sentir pelo fato da sua história ou narrativa é contada pelos vencidos, dessa forma, afetando a psique do povo subjogado nesse caso o colonizado que não sentia uma certa representividade quanto as formas de manifestações quer religiosas e cultural impostas pelo colonizador, isso criava uma certa irritação e até mesmo acabando por gerar violência entre eles. Fanon (1968), nessa mesma obra “ Os Condenados da Terra” também fala dos intelectuais colonizados que consomem tudo do seu colonizador como algo bom e se esquecendo da violência do colonialismo, faz uma chamada de atenção aos partidos políticos e aos intelectuais de maneira a reverem as suas táticas, os meios e até mesmo a forma de organização, que a sua luta tem como sempre centro a libertação do povo (colonizado) do mundo colonial, de forma a devolver o poder local aos proletários. Para Fanon (1968) não havia uma maneira de conciliação com o colonizador, porque o colono é o inimigo. Também propôs o combate a violência do colonialismo depois que os países africanos tornassem independentes na construção de um homem novo porque durante a colonização os povos colonizados foram afetados fisicamente e especialmente psicologicamente, o homem novo é no intuito de libertação das mentes dos povos escravocratas (FANON, 1968).

Segundo PIMENTA (2017), numa listagem com um número de duzentos e oito monumentos e lugares que foram registrados como patrimônio histórico-cultural, onde contém um número percentual desse todo conjunto cerca de 79,8% diz a respeito ao tempo colonial, onde os monumentos e sua construção edificadas desse projeto corresponde a maior parte pelas mãos do colonizador portugueses. É bem possível afirmar que o governo angolano (MPLA) ainda sente ou tem certa afinidade com o seu colonizador. Vejamos, como é possível o país depois a sua independência os patrimônios histórico-culturais do colonizador é permanecido e demonstrado pelo governo angolano de uma maneira muito relevante, isto é um ato que quase não se entende e não se justifica pra um governo que aparenta se despir do seu colono. É meio paradoxal essas atitudes demonstradas pelo o governo (MPLA) perante um povo que sofreu anos de colonização.

6.1 A COLONIZAÇÃO EM ANGOLA

Os portugueses tiveram os seus primeiros contatos com o povo angolano pelas suas expansões marítimas, Diogo Cão na sua segunda expedição enviado pelo rei de Portugal Dom

João II, desembarcou na foz do rio zaire com a sua equipe, a presença deles sempre soou estranho perante zambem-apongo fez com que enviasse sua camaradagem no contato inicial até Manikongo.

Diogo Cão enquanto aguardava os seus companheiros estava consigo alguns dos elementos do povo bantos, em seguida levou à Portugal e lhe foram passando novos hábitos, costumes aprendendo sobre religião e questões linguísticas, mas tudo isso foi prepositado bem arquiteto como uma estratégia política com o intuito de conquistar uma confiança ou um elo de ligação com o povo local de amigos e mostra que as suas intenções eram boas. Porque depois que Portugal devolve ao seus conterrâneos, os próprios bantos devolvidos viam a situação diferente e uma certa insegurança a quem os representava para o bem maior do povo banto, esse olhar fez com que surgisse uma ressignificação do lado dos bantos com relação aos portugueses metendo em causa o seu Deus Zambem-apongo ao o Deus ensinado em Portugal, nesse caso o catolicismo foi se repercutindo ganhado cada vez mais espaço no território do reino do Kongo fazendo o poder local ficar mais fragilizado, desse jeito Portugal foi se estabelecer reforçando cada vez mais as relações de confiança em que depois tomou a via da possibilitação do seu desenvolvimento colonial, quando alguns dos seus líderes começaram a ser convertidos pelo catolicismo e até mesmo chegaram de ser batizados como foi o caso de Manikongo Nsoyo e de seguida recebeu uma entidade maior de Portugal de nome Dom João I (CAREGNATO, 2010).

Segundo NETO (2017, p. 116), “o tráfico de escravos negros representou para África uma sangria demográfica e um obstáculo ao desenvolvimento das suas potencialidades, pode também dizer-se que a colonização europeia que se seguiu, sobretudo nas primeiras décadas, não trouxe melhores perspectivas”. “No decorrer do século XVIII e começos do XIX, havia na costa africana, de Cabinda até Luanda, bem como no interior correspondente, uma zona de evidente despovoamento” de acordo com a “História Geral de África VII” citada pela UNESCO (2010, p. 542). Os trabalhos forçados que culminou que muitos angolanos levados como escravos para São Tomé para trabalharem nas plantações ainda estava vigente de maneira contínua essa praticidade até o ano de 1913.

Durante muitos anos de colonização, isso no período de 1575 a 1974 Angola foi sendo injetada de certos modelos, quer político, econômico, educativo e cultural de um modo atingindo toda sua esfera social assim afligindo a suposta civilização imposta pelo colono de um jeito forçado ao submeterem a cultura do colonizador ao povo colonizado. De acordo com BITTENCOURTT (2000, p. 3), “O Estado português enxortou algumas querelas e amplificou outras, que se agudizaram com o decorrer do colonialismo e foram responsáveis por

esteriotipar determinados grupos étnicos no imaginário local''. O objetivo dos neocolonialistas seja o domínio económico, não limitam suas operações à esfera económica. Utilizam os velhos métodos colonialistas da infiltração religiosa, educacional e cultural'' (N'KRUMAN, 1965, p. 40).

6.2 A CHEGADA DA SUPOSTA INDEPENDÊNCIA

Depois desse todo período de colonização e de luta para se libertar das garras do colono, se livrar da esfera colonial a independência chega em Angola '' Em 11 de Novembro de 1975, o MPLA proclamou unilateralmente a independência de Angola, ao mesmo tempo em que a coligação FNLA-UNITA também o fez no Huambo'' (PINTO, 2012, p. 84). Segundo Silva (2018, p. 10-11), '' Portugal não reconheceu a legitimidade de nenhum dos dois, mas os demais países reconheceram gradativamente o governo do MPLA. Apenas em 1976, Portugal reconhece a legitimidade do governo da República Popular de Angola''.

O início dos anos 60 seria marcante para o MPLA e todo o movimento nacionalista angolano, em especial 1961, quando. Em 4 de fevereiro, sob a coordenação dos líderes deste grupo. Foi organizada uma onda de ataques às posições portuguesas em Luanda, especialmente às prisões onde se encontravam líderes nacionalistas preso (CACUTO,2001, p. 26).

Os conflitos civis ou guerra contra o colonizador deu-se como uma rebelião ou revolta e depois surgiram outras formas de luta contra o colonizador noutras partes de Angola, onde o fim dessas todas lutas culminou de uma forma satisfatória para o povo a sua independência alcançada no ano de 1975. Para que a independência fosse alcançada, foi necessário a união de três movimentos de libertação na qual eram tais Partidos: MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola, UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), e a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola). Esses três partidos nessa fase estavam na liderança dos seus líderes, MPLA como seu líder Dr. Agostinho António Agostinho Neto, UNITA com Dr. Jonas Malheiro Savimbi e por último a FNLA com o Holden Roberto.

No mês de Janeiro 1975 os três líderes do movimentos que lutaram para a libertação de Angola sentaram a mesa com o governo português para debaterem e de como iriam fazer a passagem de um novo governo em Angola, na tendência da proclamação da independência, a partilha de poder entres os partidos e de seguida organizarem as primeiras as eleições que poderia aponta o partido no poder pós que agora já estavam se tornando um país independente, nessa mesma mesa ou roda de conversa onde teve o seu lugar em Portugal em

Algarve, estava a discussões sobre o Acordo de Alvor que visava conduzir a independência e um dos pormenores debatido também, era que Angola permanecesse com os limites geográficos coloniais (PINTO, 2012).

A independência de maior impacto, entretanto, foi a de Angola, com maiores potencialidades econômicas e com expressiva minoria branca o país dispõe de petróleo, ferro, diamantes, entre outros minerais estratégicos. A divisão e o confronto entre os três grupos que lutavam pela independência acirraram-se ainda mais quando da derrocada do fascismo português (Vicentini, 2008, p. 126-27).

Passar do tempo visto que não havia se cumprido com o acordo de Alvor na mesa das negociações, criando linhas paralelas entre os movimentos de libertação de Angola, e Segundo Marques (2013), aponta que o comandante em chefe o responsável por essa negociação mostrava um certo apoio criando favorecimento Agostinho Neto quando tentavam marginalizá-lo, fazer com que o MPLA e a UNITA sejassem os únicos que Lisboa aceitasse a transferência de poderes em Agosto de 1975, deste modo criando uma tentativa de bocoitar o FNLA com intenção de deixa fragilizada a sua supremacia militar, mas tudo isso só por ter ficado preso num período de tempo de quatro meses no Zaire ⁴ no cativo capturado por uma tropa movimentada e pertencente ao FNLA de nome UPA ⁵ e numa altura que era almirante e tem afirmado que nessa fase tinha recebido auxílio do MPLA.

Os três movimentos tinham consigo apoio de certos países mostrando disponível com as represálias na corrida de chegar em Luanda local onde MPLA proclamou a independência sozinho impedindo os outros na realização de uma proclamação unanime. MPLA teve o apoio das tropas cubanas e russas, a UNITA pela África do Sul e a China, FNLA tinha consigo o financiamento dos Estados Unidos da América e Zaire como apoio (SILVA, 2018). Assim semeando a discórdia entre eles adiando cada vez mais o futuro do país e dos angolanos, os povos ficando mais dividido, como foi repartido o continente africano na conferência de Berlim de 1884-1885 pelo chanceler alemão Otto Von Bismark e como atendendo os interesses dos países mais potentes a nível do mundo (LAMY, 2014).

6.3 PERÍODO GOVERNAMENTAL DE AGOSTINHO NETO (1975-1979)

De acordo com Altam (2020), Agostinho Neto junto com o seu partido MPLA proclamou a independência de Angola se tornando no primeiro presidente da república popular de Angola

⁴ (Atual República Democrática do Congo).

⁵ UPA (União dos Povos de Angola).

e o Brasil foi um dos primeiros países no mundo a reconhecer a sua independência antes de qualquer país pertencente ao bloco comunista, mesmo ainda numa altura de ditadura militar. Em 1976 chegou o reconhecimento das nações unidas legitimando o MPLA como o principal representante de Angola, em parte os EUA e África do Sul não reconheceram e nem viam na altura o MPLA como legítimo representante de Angola, isso porque eles apoiavam UNITA e até mesmo chegaram de financiar, mas não conseguiram de alcançar este efeito no parametro internacional.

Para Pinto (2008, p. 30) “Após a independência, o país conheceu dois grandes períodos: o Estado de partido único de inspiração socialista com a economia centralmente planejada entre 1975 e início dos anos noventa; e a abertura democrática com transição para o multipartidarismo a partir da nova Constituição de 1991”.

De acordo com o autor Neto (2005, p. 117) “O MPLA-PT é um partido no poder, desde a independência, em 11 de novembro de 1975. Suas orientações são captadas pelos órgãos do governo. Foi dessa forma que o Ministério de Educação (MED) introduziu nos seus programas, o Marxismo, como podemos ler no documento referente à reformulação do sistema de educação e ensino da República de Angola, elaborado pelo Gabinete de estudos, planos e projetos do MED, que orienta o seguinte: introduzir o ensino do Marxismo-Leninismo no sistema de Educação e Ensino, como forma de desenvolver a consciência política-ideológica do povo angolano”.

Segundo Vieira (2018, p. 64) “Após a independência, ficou encarregada pelo Comitê de Ação dos Intelectuais Revolucionários do DOM⁶, que reunia professores, intelectuais e jovens estudantes secundaristas e universitários, o que garantiu a difusão das ideias "nitistas" no meio estudantil”. Apesar do país ter alcançada a sua independência, mas estava cada vez mais distante de uma paz dentro do partido (MPLA) foi criando fração entre Nito Alves e Agostinho Neto, em que Nito Alves tinha uma certa simpatia pela União Soviética e Neto pela Cuba. Essa divergência entre eles fez com que Nito tentasse um golpe de estado ao governo de Neto que acabou não tendo êxito, essa falha culminou no massacre de 27 de maio de 1977, “soviético velado a Nito Alves, que combatia Lúcio Lara e Iko Carreira, poderá ter sido usado por Moscou como uma forma de pressão para que Neto reforçasse os laços com a União Soviética e adotasse a política que Moscou lhe queria impor” (Portella e Leiria, 2019, p. 206).

⁶ Departamento Nacional de Organização de Massas.

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Levando em conta as pretensões expostas neste projeto relativamente aos objetivos, para o desenvolvimento da pesquisa, o trabalho propõe a metodologia de abordagem qualitativa, por se preocupar apenas com dados relativos ao dinamismo social de um determinado grupo, ou seja, preocupa-se com questões que estão fora do universo numérico, gráfico, ou seja, dados quantitativos. Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) afirmam que quando usado este método, os pesquisadores buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito para dar solução a um problema, porém, não quantificam os valores, justamente pelo simples fato de os dados analisados serem de origem não métricas.

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 174), “toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos”. Por tanto, para efetuar a pesquisa, ou a coleta dos dados, as investigações bibliográficas e documentais servirão de base para o desenvolvimento do projeto.

A pesquisa bibliográfica, considera Gil (2002, p. 44), ser aquela que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Desta feita, a modalidade em questão se fará útil no sentido de propiciar um levantamento a diversas fontes. Assim, a biblioteca da universidade (UNILAB) e a internet se farão uteis para a obtenção das bibliografias relacionadas com o trabalho em questão e desenvolver o mesmo.

A pesquisa documental, ainda segundo Gil (2002, p. 44), “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Assim sendo, vídeos em plataforma digitais, como o youtube, revista e jornais se farão uteis para este estudo.

8 CRONOGRAMA

Ano/Semestre	2020/2°	2021/1°	2021/2°	2022/1°	2022/2°	2023/1°
Reunião de orientação	X	X	X	X	X	X
Revisão bibliográfica e delimitação dos corpus	X	X	X	X		
Análises preliminares	X	X				
Aprofundamentos das análises e interpretação críticas dos conceitos e noções descritos		X	X			
Início da redação monográfica			X	X		
Apresentação da primeira versão da monografia				X	X	

REFERÊNCIAS

- ANTIOP, Cheik. **A Unidade Cultural da África Negra: Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica**. Luanda e Ramada: Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade António Agostinho Neto, Luanda, Angola e das Edições Pedagogo, Portugal. Out.2014.
- ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1975 - MPLA proclama a independência de Angola**. Disponivel em: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/7513/hoje-na-historia-1975-mpla-proclama-a-independencia-de-angola>. Acesso em: 18 fev. 2021.
- BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Neocolonialismo: Um Conceito Atual?** Disponivel em: https://www.researchgate.net/publication/297659482_Neocolonialismo_Um_Conceito_Atual. Acesso em: 15 ago. 2020.
- BITTENCOURT, Marcelo. **A História Contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas**. Disponivel em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4535692/mod_resource/content/1/hist%20angola%20cont.pdf. Acesso em: 4 fev. 2021.
- CACUTO, Jorge Francisco. **Angola pós-independente: implicações econômicas da herança colonial**. Econ. Pesquí. Araçatuba, 2001. 22-39 pp. Disponivel em: http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/economiaepesquisa/v3_artigo02_angola.pdf. Acesso em: 5 jul. 2019.
- CAREGNATO, Lucas. **DOMÍNIO COLONIAL PORTUGUÊS EM ANGOLA NOS SÉCULOS XV E XVI**. Disponivel em: http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279060711_ARQUIVO_Artigo-ANPUH-RS-Corrigidoerevisado.pdf. Acesso em 3 fev. 2021.
- Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África **HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA • VII África sob dominação colonial,1880-1935**. Disponivel em: http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/hist_geral_7_0.pdf. Acesso em: 5 fev. 2021.
- FERREIRA, Roquinaldo. **A Primeira Partilha da África: decadência e ressurgência do comércio português na Costa do Ouro (ca. 1637 - ca. 1700)**. Disponivel em: <https://www.scielo.br/pdf/vh/v26n44/a08v2644.pdf>. Acesso em 5 fev. 2021.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.; Rua 7 de Setembro, 97; RIO DE JANEIRO que se reserva a propriedade desta tradução. 1968 Impresso no Brasil. Disponivel em: https://www.kilombagem.net.br/wp-content/uploads/2015/07/Os_condenados_da_Terra-Frantz-Fanon.pdf. Acesso em: 9 fev. 2021.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Atlas: São Paulo, 2002, 176 p.
- GERHARDT, Tatiana Engel, e SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

INE, Censo. **Registo geral da população de Angola.** Disponível em:
<https://www.ine.gov.ao/inicio/estatisticas>. Acesso em: 1 fev. 2021.

N´KRUMAH, Kwane. **Neocolonialismo: Último Estágio do Imperialismo.** Disponível em:
<https://afreekasite.files.wordpress.com/2017/12/neocolonialismo-kwame-nkrumah-ilovepdf-compressed-1.pdf>. Acesso em: 7. Ago. 2019.

LAMY, Philippe. **A Ocupação Colonial da África. Da Conferência de Berlim à Primeira Guerra Mundial.** Disponível em:
<http://5c912a4babb9d3d7cce16e2107136992060ccfd52e87c213fd32.r10.cf5.rackcdn.com/wp-content/files/Caderno16Africa.pdf>
 Acesso em: 13 set. 2020.

LOPES Ana Mónica Henriques. **Neocolonialismo na África.** Disponível em:
<file:///C:/Users/DLE/Downloads/88804-Texto%20do%20artigo-126282-1-10-20141215.pdf>.
 Acesso em: 6 set. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** 1. 5. ed. Atlas: São Paulo, 2003 311 p.

MATONDO, Moiani. **O Neocolonialismo da Justiça Angolana.** Disponível em:
<https://www.makaangola.org/2018/02/o-neocolonialismo-da-justica-angolana/>
 Acesso em : 14 set. 2020

MARQUES, Alessandra. **Segredos da Descolonização de Angola.** Disponivem em:
<file:///C:/Users/DLE/Downloads/Segredos%20da%20Descolonizacao%20de%20Angola%20-%20Alexandra%20Marques.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2021.

MORAIS, Rafael Marques de. **OS AFECTOS ENTRE PORTUGAL E ANGOLA E O RACISMO ENCAPOTADO.** Disponivem em: <https://www.makaangola.org/2016/04/os-afectos-entre-portugal-e-angola-e-o-racismo-encapotado/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

NETO, Maria da Conceição. **De Escravos a “Serviçais”, de “Serviçais” a “Contratados”: Omissões, percepções e equívocos na história do trabalho africano na Angola colonial.** Disponível em:
[file:///C:/Users/DLE/Downloads/De Escravos a Servicais de Servicais a Contratados.pdf](file:///C:/Users/DLE/Downloads/De%20Escravos%20a%20Servicais%20de%20Servicais%20a%20Contratados.pdf).
 Acesso em 5 fev. 2021.

NETO, Manuel Brito. **História e Educação em Angola: Do Colonialismo ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).** Disponivem em:
http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/252396/1/BritoNeto_Manuel_D.pdf.
 Acesso em: 15 fev. 2021.

PIMENTA, Fernando Tavares. **Colonialismo Demográfico português em Angola: Historiografia, Identidade e Memória.** Disponível em:
<file:///C:/Users/DLE/Downloads/48045-Texto%20do%20artigo-201428-1-10-20170727.pdf>.
 Acesso em: 19 jun. 2020.

PINTO, Tatiana Pereira Leite. **Etnicidade e racismo em Angola: da Luta de libertação ao pleito eleitoral de 1992**. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1572.pdf>. Acesso 10 de fev de 2021.

PINTO, JOÃO Nuno da Silva. **A CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL EM ANGOLA**. Disponível em: https://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/08/2008.dissertacao_joao_pinto_2008.pdf. Acesso em: 10 dez. 2020.

PORTELLA, Cristina e LEIRIA, Luis. **Cuba e União Soviética em Angola: 1977**. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/09/08_Portella-e-Leiria-2.pdf. Acesso em: 25 mar. 2020.

SILVA, Antônio Carlos Matias da. **Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências**. Disponível em: <https://faculadadedamas.edu.br/revistafd/index.php/neari/article/viewFile/660/544>. Acesso em: 16 fev. 2021.

SILVA, Franco Santos Alves da. **À luz da contradição: projetos neocolonialistas na oposição ao Estado Novo Português**. Disponível em: <file:///C:/Users/DLE/Downloads/14823-Texto%20do%20artigo-31860-1-10-20181108.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

VIEIRA, Francisco Sandro da Silveira. **A República de Angola: O MPLA e o projeto de construção do Estado-Nação - 2002-2012**. Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/4867.pdf. Acesso em: 22 fev. 2021.

VISENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. **Independência, marginalização e reafirmação da África (1957-2007)**. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832-10.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2021.